

■ Concordância verbal, variação e ensino

RENATA LÍVIA DE ARAÚJO SANTOS

Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas.

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de compreender a variação entre ausência e presença de marcas de concordância verbal à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, de Labov (2008 [1972]). Observamos três trabalhos que abordam essa variação e constatamos que a concordância verbal possui um comportamento variável e que essa variação é governada sistematicamente, por fatores linguísticos e extralinguísticos. Percebemos também a relevância da escola para o uso dessa variação. Acreditamos que alguns problemas apresentados pelo ensino de Língua Portuguesa podem ser resultado do posicionamento dessa instituição perante a variação linguística.

Palavras-chave: concordância verbal; variação linguística; ensino

Abstract: This research has the objective to understand the variation between absence and presence of verbal agreement marks from theoretical and methodological assumptions of Sociolinguistic Variation of Labov (2008 [1972]). We observed three papers that investigate this variation and we found that the verbal agreement has a variable behavior and that this variation is systematically governed by linguistic and extralinguistic factors. We also noticed the relevance of school to the use this variation. We believe that some problems presented by the teaching of Portuguese can be result of the positioning of this institution to linguistic variation.

Keywords: verbal agreement; linguistic variation; teaching

1. Introdução

Preocupados com a variação linguística, muitos estudos vêm sendo desenvolvidos a partir dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, que leva em consideração que a língua varia conforme o contexto em que ela é usada, e, assim, que ela sofre influências não só internas ao seu sistema, mas também externas a ele.

De acordo com essa teoria, “heterogeneidade e estrutura não são incompatíveis, ao contrário, são necessárias para o funcionamento real de qualquer língua” (LUCCHESI, 2004, p. 171). Os sociolinguistas variacionistas acreditam que a língua é heterogênea, que essa diversidade é sistemática e que o comportamento linguístico sofre influências de restrições de ordens linguística e extralinguística. A concepção de língua dessa teoria orienta-se, portanto, como sistema socialmente determinado, cuja variação estrutural está relacionada às alterações das normas culturais e ideológicas de uma comunidade de fala, conjunto de pessoas que compartilham normas linguísticas.

Dessa forma, a Teoria da Variação Linguística procura dar conta dos fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a língua, uma vez que, para essa teoria

os padrões linguísticos são descritos, e explicados (na medida em que objetos dessa natureza podem ser explicados), em termos de uma gramática de regras variáveis que operam com probabilidades associadas a fatores sociais e restrições hierarquizadas da estrutura linguística (LUCCHESI, 2004, p. 196).

A concordância verbal (doravante CV) é um assunto que causa interesse por parte dos variacionistas e tem sido amplamente registrado. Se observarmos as gramáticas normativas (doravante GN), encontraremos uma grande quantidade de regras que não são aplicadas na língua escrita e, muito menos, na língua falada. A

existência desse número elevado de regras prescritivas é uma tentativa de dar conta da diversidade apresentada pela concordância entre sujeito e verbo.

Vários estudos sociolinguísticos vêm demonstrando que a regra de CV é uma regra variável e que essa variabilidade depende da influência de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos.

- (1) a. (...) a professora pediu pá gente i vestida sem ropa como é: - com nossa ropa - hoje nós vai fazê bandeinha - pintá cortá (...)
- b. (...) a última vez foi da coca e nós gostamos mutcho - foi mutcho divertido - fica na calma sem briga porque todo mundo qué participá¹

¹ Exemplos retirados do corpus do trabalho de Santos (2010).

Pretendemos observar alguns desses estudos a fim de compreendermos melhor a variação entre ausência e presença de marcas de concordância verbal (doravante não-CV e CV), como as apresentadas em (1a e b), identificando quais grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam mais o uso dessa variação. Pretendemos, também, discutir como essa variação é tratada no ensino de língua portuguesa (doravante LP).

2. Concordância verbal e variação

A concordância verbal em várias línguas, mais especificamente na língua portuguesa, é realizada entre o sintagma nominal sujeito e o sintagma verbal. Aquele possui marcas de número e pessoa, que também aparecem neste e que permitem a identificação do sintagma nominal sujeito, mesmo quando ele não está presente na oração.

O que percebemos, portanto, é que, quando há presença de marcas de CV, há uma redundância dessas marcas, enquanto que, quando há ausências dessas marcas, há uma omissão de redundância. Acreditamos, assim, que a não-CV não pode ser considerada como uma

forma errada e estigmatizada. Parece-nos mais um caso de economia linguística do que erro.

Desse modo, selecionamos os trabalhos de Silva (2008), Santos (2010) e Graciosa (1991) a fim de compreendermos melhor como ocorre essa variação linguística. Esses trabalhos estudam, respectivamente, a variação de CV na língua escrita, na língua falada e na língua culta falada. Além de observarem o objeto de estudo a partir de modalidades diferentes da língua, esses trabalhos investigam a variação de CV em distintas comunidades de fala.

As diferenças entre esses trabalhos levam a processos metodológicos também distintos. Contudo, essas diferenças não são vistas como um empecilho para o desenvolvimento deste trabalho, ao contrário, são consideradas importantes para que tenhamos um quadro sociolinguístico representativo de como ocorre a variação de CV.

Silva (2008) investiga se há o emprego da norma padrão de CV em redações escolares. O corpus desse estudo, coletado em uma escola pública tradicional de Niterói, localizada em bairro de classe média, na área urbana e central do município, é constituído por vinte textos narrativos de alunos de séries finais de ciclos (nono ano e segunda série do ensino médio).

Os dados analisados limitaram-se às formas verbais de terceira pessoa do plural. Os grupos de fatores linguísticos postos em análise foram:

- sujeito formado de um ou mais núcleos;
- sujeito anteposto ou posposto ao verbo;
- verbo na voz passiva pronominal com sujeito no plural;
- verbos impessoais;
- verbos com pronome relativo como sujeito com antecedente plural; e
- verbo ser, com sujeito e/ou predicativo no plural.

Os resultados obtidos mostraram que os alunos do nono ano “não apresentam dificuldades em relação ao uso das formas da variante padrão. De modo geral, empregam as marcas da concordância verbal preconizadas pelas gramáticas nos textos que produzem” (SILVA, 2008, p. 36), apenas 3% foram casos de não-CV (6 casos em 207). Silva (Idem) também observou que o contexto mais usado por esses alunos é ‘sujeito anteposto e próximo ao verbo’ (89% do corpus analisado).

Nas redações dos alunos do nono ano, a ocorrência de alguns fatores, como ‘verbo na passiva’ e ‘verbos impessoais’ foi muito pequena. Por outro lado, no ensino médio, apesar de não se ter resultados muito diferentes, houve uma variedade maior de estruturas frasais empregadas. Ressaltamos que, talvez, por isso, houve também uma maior variação entre CV e não-CV nessas redações do que naquelas.

Silva (Idem, p. 40) constatou que o percentual da variante padrão foi “muito alto e que, nesse particular, a escola está cumprindo seu dever”.

Na sua dissertação, Graciosa (1991) busca compreender o uso ou não de CV na comunidade de fala formada por falantes com nível superior de instrução, residentes na área urbana do Rio de Janeiro. Ela analisa situações informais de conversação e ocasiões de fala mais controlada como entrevistas, palestras e conferências, retiradas do corpus do Projeto NURC (Norma Oral Urbana Culta) do Rio de Janeiro.

Os grupos de fatores linguísticos selecionados para o estudo de Graciosa que se mostraram significativos foram:

- ordenação dos argumentos do verbo;
- distância entre o núcleo do sujeito e o verbo; e
- paralelismo formal.

Os fatores considerados como aqueles que desfavorecem a CV foram:

- sujeito posposto a um verbo transitivo ou intransitivo;
- sujeito oculto;
- sujeito afastado do verbo; e
- sintagma verbal isolado.

Quanto aos fatores extralinguísticos (sexo, faixa etária, escolaridade e localidade da residência), nenhum foi apontado como significativo para o estudo.

Graciosa (Idem, p. 79) concluiu que, “na fala culta carioca, a Concordância Verbal é um fenômeno extremamente controlado, com aplicação quase categórica da regra”. Contudo, a autora ressalta que devido à distância entre o tempo da coleta dos dados (1971 a 1978) e a finalização da pesquisa (1991), “o grau de probabilidade de cancelamento da regra tenha-se ampliado, configurando um quadro mais nítido de variação no nível culto”.

Santos (2010) procurou analisar, através de narrativas e entrevistas gravadas, a CV na fala de crianças e adolescentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió. Os grupos de fatores apontados pelo programa computacional GOLDFARB X, que auxilia na quantificação dos dados linguísticos variáveis, como significativos para o estudo da variação entre CV e não-CV foram, de acordo com a ordem de significância:

- número/pessoa;
- ausência/presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo;
- tempo de permanência na entidade filantrópica;
- posição do sujeito em relação ao verbo; e
- escolaridade.

O único grupo de fator selecionado como não significativo foi a variável extralinguística ‘localidade’, que se refere ao local onde os colaboradores viviam antes de ir para a entidade filantrópica.

De acordo com o peso relativo, os fatores que contribuem mais para a variante não-CV são: 3ª e 1ª pessoas do plural (.15 e .10, respectivamente), presença de elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo (.29), menos de cinco anos de permanência na entidade filantrópica (.38), sujeito posposto ao verbo (.33) e início do ciclo do ensino fundamental (.43).

A autora destaca que os resultados obtidos pelas variáveis ‘tempo de permanência na entidade filantrópica’, terceira variável, no total, a ser considerada como relevante para que as marcas de CV ora sejam realizadas, ora não, e ‘escolaridade’, segunda variável, parecem ter uma certa relação de influência. Dessa forma, foi desenvolvido o cruzamento desses dados e observou-se que

apesar de a variável ‘escolaridade’ ter sido apontada como a última variável considerada relevante para o estudo da variação entre ausência e presença de marcas de CV na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió, não podemos desconsiderar a influência significativa que ela exerce sobre o estudo (SANTOS, 2010, p. 125).

Após a análise dos dados, Santos (Idem, p. 131) afirma que os resultados obtidos em seu trabalho de dissertação comprovam

a existência da variação entre ausência e presença de marcas de CV na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió, como também a existência de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos exercendo influência significativa sobre essa variação, confirmando a hipótese de que, na fala dessa comunidade, as marcas de CV ora são realizadas, ora não.

Ao observarmos esses trabalhos, percebemos que o estudo da variação entre CV e não-CV não é

simples. Embora ainda haja muitas questões em aberto, que precisam ser evidenciadas, analisadas e comparadas, podemos afirmar que a Concordância Verbal no Português Brasileiro envolve uma regra variável. Sendo assim, a preocupação com a abordagem da CV no ensino escolar no Brasil torna-se necessária, uma vez que esse ensino é pautado na norma padrão da língua.

3. Concordância verbal e ensino

O ensino escolar no Brasil valoriza a aprendizagem da variante padrão da LP. Garantir ao aprendiz o acesso a essas variantes deveria ser o dever de uma aula de português. Contudo, as peculiaridades linguísticas, sociais e culturais de uma sala de aula heterogênea são colocadas em segundo plano ou, muitas vezes, descartadas. Essa desvalorização pode ser um dos fortes fatores que contribuem para um possível fracasso escolar.

O ensino escolar brasileiro é pautado de acordo com as prescrições da GN e, assim, estigmatiza as demais formas da língua, assumindo-as como formas incorretas e “feias”, que devem ser veementemente evitadas. Algumas GNs até reconhecem a variedade linguística, porém, ela é vista como um empecilho para a aprendizagem das regras da norma padrão.

Através da observação da CV na GN, constatamos conceitos abrangentes e formulações de regras contestáveis. Por tentar alcançar o mais próximo possível a forma padrão, a GN aborda a não-CV como a forma errada, que deve ser combatida, e a CV como a forma correta.

Essa dicotomia certo e errado acaba por limitar o estudante ao reconhecimento dessa distinção, cabendo a ele aprender, de forma mecânica, o certo. Não há, portanto, espaço para reflexões, comparações sobre a variabilidade da língua. Essa redução do papel do estudante e, conseqüentemente, do papel do professor pode parecer ser um caminho mais fácil, porém, não parece ser o mais eficiente.

Tendo em vista que o ensino escolar brasileiro não trabalha com a variação sociolinguística e a fim de contribuir para uma melhora desse ensino, propomos, como uma alternativa de aplicação em sala de aula, os princípios teóricos básicos da Sociolinguística Variacionista.

De acordo com esses princípios, a língua apresenta um dinamismo próprio, possuindo formas diferentes, mas que são semanticamente equivalentes. Desse modo, essas formas não são assumidas como “desvios” da língua. As variações são consideradas formas diferentes de usar a língua, que é intrinsecamente heterogênea, além de sofrer influências de fatores sócio-culturais.

Assim, de acordo com a perspectiva sociolinguística, o preconceito linguístico deve ser fortemente combatido. Todas as formas linguísticas devem ser respeitadas, uma vez que essas construções são permitidas pela língua. “Diferentes grupos sociais têm diferentes maneiras de falar, mas nenhuma dessas maneiras é deficitária, já que cada uma dessas formas de comunicar-se é lógica e estruturada. O fracasso tem raízes socioculturais” (MOURA, 2007, p. 13).

Partindo desses princípios, podemos dizer que uma das principais funções do professor de língua portuguesa é reconhecer a heterogeneidade linguística, abordando a variação entre normas padrão e não-padrão em sala de aula e levando ao estudante um reconhecimento do contexto mais adequado para o uso de cada uma. Cabe ao aluno, portanto, usar a forma mais apropriada em cada contexto de uso. Um método que parece ser interessante é a abordagem das variações a partir de comparações entre as formas da língua que estão em variação.

O quadro sociolinguístico da CV, como pudemos ter uma noção através da sessão anterior, é uma realidade que não pode ser desconsiderada. A CV, na LP, deve ser abordada como uma regra variável, bem como a não-CV deve ser assumida como um processo natural da língua, uma vez que essa forma parece ser mais um caso de omissão de redundância do que um caso de má formação da língua.

Para Moura (2007, p. 20), “a concordância verbal pode ser considerada uma regra variável, mesmo em se tratando da norma culta da língua”. A autora destaca a variação a fim de que a concordância entre sujeito e verbo possa ser abordada nas escolas de maneira adequada, segundo os pressupostos sociolinguísticos.

Ao tratarmos sobre a CV, na sessão anterior, percebemos um papel importante da escola sobre o uso da variação entre CV e não-CV. Alguns trabalhos vêm mostrando que à medida que evolui o nível de escolaridade, aumenta também o uso da norma padrão. Isso significa que, de certo modo, a escola está cumprindo com seu objetivo. Mas, ao mesmo tempo, demonstra falhas por não saber lidar com a variação linguística, provocando, por exemplo, um desinteresse pelo ensino de português por parte do aluno, o que acaba afetando o processo de aprendizagem dessa língua.

Dessa forma, acreditamos que os pressupostos básicos da Sociolinguística Variacionista, ao serem utilizados em sala de aula, podem contribuir para uma melhora no processo de ensino-aprendizagem do português brasileiro, uma vez que se propõe a estudar as variações linguísticas, respeitando todas as formas de construção que a língua permite e evitando, assim, situações de constrangimento em sala de aula, que sabemos que é um fator que pode levar à desistência das aulas por parte do aluno.

4. Algumas considerações

Este estudo teve como objetivo observar se a CV possui um o comportamento variável e como essa variação ocorre. Através da observação dos trabalhos de Silva (2008), Santos (2010) e Graciosa (1991), que abordam a variação de CV segundo os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, percebemos que há variação entre CV e não-CV.

Constatamos também que essa variação é influenciada por grupos de fatores linguísticos, como, por

exemplo, ‘número-pessoa’ e ‘posição do sujeito em relação ao verbo’, e por grupos de fatores extralinguísticos, como, ‘escolaridade’. Vimos que este grupo de fator aparece como bastante relevante para o uso da variação linguística.

Percebido a relevância da escola para o estudo da variação entre CV e não-CV, procuramos discutir algumas questões que levam essa instituição a um possível fracasso escolar e algumas propostas sociolinguísticas para uma possível melhora desse quadro. Vimos que essas propostas teóricas, se coerentemente aplicadas, podem contribuir para que se tenha uma aula de língua portuguesa mais eficiente e menos mecânica, haja vista que refletir sobre a língua é um dos principais objetivos da teoria linguística.

Com este trabalho, procuramos mostrar que a CV é uma regra variável e que essa variabilidade é sistematicamente influenciada por grupos de fatores tanto de ordem linguística, quanto extralinguística. Desse modo, acreditamos que essa variação deva ser abordada, através de comparações entre as modalidades da língua, sem estigmatizações, nas aulas de língua portuguesa.

Referências

GRACIOSA, D. M. D. Concordância verbal na fala culta carioca. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LUCCHESI, D. *Sistema, mudança e linguagem*: um percurso na história da linguística moderna. São Paulo: Parábola, 2004.

MOURA, D. O tratamento das variantes padrão e não-padrão na sala de aula. In: Denilda Moura (org). *Leitura e escrita: a competência comunicativa*. Maceió: EDUFAL, p. 11-26, 2007.

SANTOS, R. L. de A. A concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió. Dissertação (mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2010.

SILVA, E. V. da. Norma, variação e ensino: a concordância verbal. Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 31-41, 2008. Disponível em <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo2.pdf>>. Acesso em 9 de jun. de 2009.

